



A terra é pequena, dizem os índios.

Os ava-guaranis rejeitam a nova oferta de Itaipu

MÁRIO CHIMANOVITCH

"A terra é pequena, mal dá para as rocas. E nós temos que fazer o cemitério. Como então vamos enterrar nossos mortos?"

Eles não chegam a somar 200 almas. Seu povo, outrora altivo e dominador, foi sendo gradualmente dizimado pelo homem branco através dos séculos que se seguiram à descoberta do Brasil. Hoje, ameaçados de perder as derradeiras terras que lhes restam, os índios Ava-Guaranis, que habitam a região de Foz do Iguaçu, aferram-se a elas como se da sua posse dependesse a própria vida.

Isso talvez seja verdadeiro. Sua área, exígua, está prestes a ser inundada pelas águas da hidrelétrica de Itaipu. A empresa binacional está tentando removê-los, oferecendo-lhes uma nova faixa de terra onde eles não dispõem de madeira em quantidade suficiente para construir novos ranchos, onde o solo não se presta ao cultivo e onde, ainda, a caça é praticamente inexistente.

Eles acabam de encaminhar uma carta à presidência da Funai, que, pela Constituição, está encarregada de defender e proteger os seus interesses. Nessa

nova carta eles rejeitam a proposta de realocização formulada pela empresa binacional e reafirmam a sua decisão de não abandonar a área onde vivem e têm seus mortos sepultados.

A carta, endereçada ao presidente do órgão, coronel Paulo Moreira Leal, é assinada com as impressões digitais de oito caciques da nação Ava-Guarani — Poti, Tatati, Vilhalba, Rasi-Ju, Tupã-Ju, Ava-Nandi, Vipi e Ava-Gueju — e se constitui num dramático documento que retrata, de modo geral, não só a situação de um grupo indígena ameaçado de perder suas terras, mas, sobretudo, o próprio contexto indígena nacional.

"A terra proposta pela Itaipu é muito pequena para o Ava-Guarani viver — diz a carta ao presidente da Funai. No nosso sistema os ranchos ficam bem longe um do outro; também não vai dar para fazer roças de acordo com o sistema Ava-Guarani. Nós temos que fazer o cemitério e o lugar é muito pequeno: como então vamos enterrar os nossos mortos?"

A carta reitera uma vez mais à presidência da Funai que os Ava-Guarani não podem perder os 1500 hectares que possuem e receber de Itaipu apenas 121 hectares a título de compensação:

"A lei garante 1500 hectares para nós, mas parece que a Itaipu não conhece a lei. Sabemos que a Funai é responsável pela assistência às comunidades indígenas e por isso é que não entendemos a razão pela qual não está defendendo os nossos direitos. A Funai já conhece os problemas da nossa terra desde 1975, quando o Inera, com a Polícia, queimou casas de muitas Ava-Guaranis, tomou a maior parte de nossa terra e entregou para os brasileiros. Até o prefeito de Medianeira participou desse roubo. Tudo isso foi denunciado à Funai e saiu nos jornais: ainda estamos esperando que essa terra nos seja devolvida. Agora vamos ter que sair do que resta de nossas terras por causa da inundação da Itaipu. Não é por nossa vontade que vamos sair daqui, mas por causa dessa obra do governo. Esse mesmo governo que fez a lei garantindo os direitos dos índios e criou a Funai para cumprir essa lei. Por que então a Funai não cumpre a lei?"

A carta se encerra afirmando que a comunidade Ava-Guarani do Ocoí-Jacutinga espera da Funai uma proposta que atenda às suas necessidades de acordo com a lei:

"Enquanto essa proposta não for apresentada, a de dar terra que permita à nossa comunidade viver de acordo com o seu sistema, o sistema guarani, nós não vamos sair do nosso lugar."